

GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE SOB PERSPECTIVAS SOCIOCULTURAL, GUINÉ-BISSAU

Antônio João Franco

Faculdade de Ciências Humanas

FACH/PPGAS-MS

E-mail: franco.joao@ufms.br

Marianna Agnes de Almeida Soares

Faculdade de Ciências Humanas

FACH/PPGAS-MS

E-mail: hallymariannaangnes@gmail.com

Resumo

O presente artigo analisa a relevância da identidade de gênero e da sexualidade no contexto sociocultural da Guiné-Bissau, discutindo suas implicações nas relações de poder e nas dimensões físicas e emocionais dos sujeitos. Parte-se do pressuposto de que as construções sociais de gênero e sexualidade no país estão fortemente ancoradas em perspectivas conservadoras, que produzem hierarquias e desigualdades de status entre homens e mulheres, bem como a marginalização de identidades dissidentes. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise crítica de referenciais teóricos sobre gênero, sexualidade e cultura, articulados ao contexto guineense. Os resultados esperados indicam que as categorias de gênero e sexualidade não podem ser compreendidas apenas a partir de classificações biológicas ou normativas, mas como construções sociais dinâmicas, atravessadas por fatores históricos, culturais e políticos. O estudo contribui para a desmistificação de concepções preconceituosas e para o fortalecimento do debate sobre diversidade e direitos humanos em contextos africanos contemporâneos.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Sexualidade; Poder; Contexto sociocultural; Guiné-Bissau.

Introdução

Desde tempos remotos, as sociedades humanas têm sido atravessadas por profundas desigualdades de gênero e sexualidade, historicamente estruturadas a partir da atribuição de

maior poder de decisão aos homens e da relegação das mulheres a posições de subordinação. Essa organização social foi sendo reproduzida ao longo das gerações e disseminada em distintos contextos socioculturais, naturalizando hierarquias e assimetrias que moldam as relações sociais.

Na contemporaneidade, observa-se que, em determinados países, o debate acerca de gênero e sexualidade permanece restrito ou pouco problematizado, como em alguns contextos muçulmanos, árabes e africanos, nos quais as normativas legais e morais são particularmente rígidas quanto à definição dos papéis de gênero. Nessas realidades, a construção social e cultural sustenta-se em predefinições normativas que orientam comportamentos, modos de vida e formas de pertencimento. Em contrapartida, há sociedades nas quais esse debate se encontra mais consolidado no espaço público; contudo, mesmo nesses contextos, a aceitação das diferenças frequentemente se dá de maneira limitada, produzindo formas sutis de invisibilidade e exclusão, atravessadas por relações de poder.

Apesar desse cenário, destacam-se movimentos sociais e produções teóricas que lutam pela afirmação da igualdade humana e pelo reconhecimento das identidades de gênero e sexualidade. Conforme argumenta Grossi (1998), as lutas em torno das relações de gênero emergem como processos históricos e políticos, especialmente impulsionados pelos movimentos sociais da década de 1960, quando as mulheres passaram a questionar sua posição secundária mesmo em espaços de militância que defendiam igualdade e justiça social. Nessa mesma direção, Amaral et al. (2017) ressaltam que, em sociedades marcadas pelo patriarcado e pelo machismo, as reivindicações femininas passaram a abranger não apenas direitos políticos, econômicos e sociais, mas também o direito ao próprio corpo e à sexualidade.

No contexto da Guiné-Bissau, esse panorama não se distancia significativamente dessas dinâmicas. Trata-se de uma sociedade marcada por fortes traços patriarcais, na qual os homens concentram maior poder decisório, enquanto às mulheres é socialmente atribuída uma posição de conformação. Práticas como a poligamia masculina são socialmente aceitas, ao passo que as mulheres são moralmente julgadas quando transgridem normas sexuais estabelecidas. Ademais, observa-se que se trata de um contexto pouco preparado para incluir pessoas cujas identidades de gênero e sexualidade escapam às normas hegemônicas, reforçando processos de marginalização e silenciamento.

Diante desse cenário, o presente artigo propõe problematizar as concepções idealizadas e normativas de gênero e sexualidade historicamente construídas na cultura guineense, sem a intenção de descaracterizá-las, mas buscando contribuir para uma reflexão crítica fundamentada nos aportes científicos do campo dos estudos de gênero. Assim, objetiva-se analisar a relevância das identidades de gênero e sexualidade e suas implicações no contexto sociocultural da Guiné-Bissau, considerando as relações de poder que atravessam as dinâmicas sociais e políticas, bem como seus impactos nos estados físicos e emocionais dos sujeitos. Busca-se, ainda, compreender as dinâmicas socioeducacionais que influenciam a vivência dessas identidades, identificar as características sociais e culturais associadas às construções de gênero no país e examinar as especificidades identitárias e comportamentais que incidem sobre os processos de organização sociopolítica e sociocultural.

Considerando que a pesquisa se encontra em fase de construção e análise, as reflexões aqui apresentadas assumem caráter preliminar. Ainda assim, espera-se que o estudo contribua para a ampliação do debate acadêmico e social, incentivando a reflexão sobre políticas de inclusão e reconhecimento da diversidade identitária no contexto guineense, bem como o fortalecimento de práticas baseadas no respeito às múltiplas formas de ser e de sentir.

Referencial Teórico

O conceito da categoria gênero e sexualidade, segundo os estudos de Amaral et al. (2017), evidencia-se como um fenômeno socialmente construído, por meio do qual as sociedades elaboram conjuntos de predeterminações que orientam práticas comportamentais, modos de vivência e formas de identificação, fundamentados em padrões sociais e culturais específicos de cada contexto nacional. Nesse sentido, a compreensão do que significa “ser mulher” ou “ser homem” é mediada por classificações normativas que estabelecem linhas condutoras para a organização sociopolítica e sociocultural dos indivíduos.

No contexto africano, e de modo particular na Guiné-Bissau, tais processos não se mostram isentos de uma política centralizadora das identidades de gênero. Trata-se de uma nação marcada por fortes traços conservacionistas, nos quais ideais religiosos, tradicionais e políticos encontram-se profundamente enraizados na organização social. Para parte significativa da população guineense, a categoria gênero é compreendida exclusivamente a

partir de uma ordem considerada “natural”, restrita às categorias masculino e feminino, concebidas como únicas possibilidades legítimas de existência.

Tal concepção desconsidera, inclusive, as explicações científicas oriundas da biologia acerca das variações cromossômicas e dos processos de replicação do DNA. Conforme argumenta Grossi (1998), essa explicação da ordem natural não ultrapassa uma formulação ideológica, cuja função principal é justificar determinados comportamentos sociais atribuídos a homens e mulheres em contextos específicos.

De acordo com Mota (1998), o sexo é definido biologicamente a partir da combinação dos pares cromossômicos, como XX ou XY, sendo o resultado condicionado à união e à replicação desses cromossomos. Em contrapartida, o gênero configura-se como um conjunto de construções socioculturais elaboradas historicamente para determinar identidades, papéis sociais e expectativas comportamentais atribuídas aos sujeitos. Nessa mesma perspectiva, Amaral et al. (2017) afirmam que a sexualidade compreendida como o conjunto das práticas eróticas humanas também é culturalmente determinada, operando como um mecanismo de separação de tarefas e de produção de leituras preconcebidas em relação aos indivíduos que se afastam dos padrões comportamentais socialmente instituídos.

Cabe destacar que homens e mulheres apresentam capacidades, potencialidades e inteligências equivalentes para participar de quaisquer atividades sociais. Contudo, ao longo da construção histórica das sociedades, foram estabelecidos direitos e deveres distintos para homens e mulheres, o que evidencia que as questões de gênero sempre estiveram presentes como objeto de reflexão e disputa social. Nesse sentido, a construção da sexualidade e das identidades de gênero caracteriza-se pelo compartilhamento de saberes e experiências transmitidos por pais, mães, responsáveis e demais agentes do convívio social, reforçando normas e expectativas sociais (Amaral et al., 2017).

Assim, para além das diferenças biológicas entre os sexos, emerge a categoria gênero como um complexo de determinações sociais e culturais que designam o que significa ser masculino ou feminino em determinada sociedade. Desse modo, o corpo passa a receber uma significação sexual que atua como referência normativa para a definição das identidades de gênero, conforme assinala Mota (1998, p. 147).

Metodologia

Quanto aos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste estudo, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, tendo como principal estratégia de produção de dados a aplicação de questionários simples, estruturados em formulário, com foco na identificação de valores identitários relacionados às categorias de gênero e sexualidade. Essa escolha metodológica justifica-se pela possibilidade de apreender percepções, sentidos e representações construídas socialmente pelos sujeitos, considerando seus contextos culturais e experiências cotidianas.

Para o delineamento dessa etapa, utiliza-se como referência teórico-metodológica a obra de Maxwell Ferreira de Oliveira (2011), a qual orienta a elaboração, aplicação e análise de questionários como instrumentos de investigação científica. Segundo o autor, o questionário consiste em um meio de obtenção de respostas por meio de um formulário preenchido pelo próprio informante, podendo conter perguntas abertas e/ou fechadas. As questões abertas possibilitam respostas mais amplas e diversificadas, enquanto as fechadas favorecem maior sistematização, tabulação e análise dos dados (Oliveira, 2011).

A aplicação dos questionários permitirá compreender o perfil dos participantes guineenses a partir de suas narrativas, sentimentos, desejos, afetos e posicionamentos em relação às definições identitárias de gênero e sexualidade. Os dados obtidos serão posteriormente analisados e apresentados por meio de uma descrição etnográfica, buscando evidenciar padrões discursivos, tensões, contradições e significados atribuídos às identidades que fogem aos modelos normativos socialmente instituídos.

As questões formuladas são diretas e contextualizadas, orientadas pela realidade sociocultural da Guiné-Bissau e pela forma como a população compreende, avalia ou julga indivíduos cujo sexo biológico masculino ou feminino não corresponde às expectativas comportamentais tradicionalmente atribuídas a homens e mulheres. Tal perspectiva dialoga com a reflexão clássica de Simone de Beauvoir (2010), segundo a qual “não se nasce mulher, torna-se”, evidenciando o caráter sociocultural da construção das identidades de gênero. Entre os temas abordados nos questionários, destacam-se: a autodeclaração de identidade de gênero; a aceitação ou rejeição de outras formas de identidade de gênero; a percepção sobre a necessidade de inclusão de identidades como pessoas trans, homossexuais e bissexuais na Guiné-Bissau; o papel do Estado na reprodução de exclusões simbólicas a partir da limitação

dos registros civis às categorias masculino e feminino; as experiências de socialização na infância; a divisão de tarefas domésticas entre gêneros; as formas de socialização familiar e comunitária; e as percepções sobre igualdade de gênero, poder de decisão e papéis domésticos, tanto em contextos urbanos quanto em aldeias.

Após a etapa de aplicação dos questionários, será realizada a fase de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de aprofundar as narrativas e interpretações emergentes.

Para essa etapa, adota-se a etnografia virtual, conforme proposta por Christine Hine (2011), utilizando ferramentas digitais como *Google Meet*, *WhatsApp* e outros recursos que possibilitem a interação síncrona e assíncrona entre pesquisador(a) e participantes. A etnografia virtual permitirá acessar discursos, experiências, opiniões e sugestões dos sujeitos em ambientes mediados por tecnologias digitais, ampliando o alcance da investigação e respeitando as dinâmicas contemporâneas de comunicação.

Dessa forma, a articulação entre questionários, entrevistas semiestruturadas e descrição etnográfica busca garantir uma compreensão aprofundada e contextualizada das dinâmicas socioculturais que atravessam as construções de gênero e sexualidade na Guiné-Bissau.

Discussão e Resultados esperados

A ausência de valorização e de políticas de inclusão voltadas ao reconhecimento de outras identidades de gênero e sexualidade na Guiné-Bissau contribui para a manutenção de sistemas culturais excludentes, que limitam as possibilidades de expressão e de reconhecimento social dos sujeitos. Nesse sentido, justifica-se o interesse em investigar o papel das categorias de gênero e sexualidade no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), a partir de uma abordagem crítica e contextualizada.

Considerando que a pesquisa encontra-se em fase de construção e análise, as reflexões apresentadas neste artigo assumem caráter provisório, sendo aprofundadas e consolidadas à medida que os dados empíricos forem integralmente sistematizados e analisados.

Conclusão

Não se pretende concluir o presente trabalho sem a devida discussão dos resultados empíricos. Considerando que a pesquisa ainda se encontra em fase inicial de construção, a análise aqui apresentada assume caráter provisório, sendo aprofundada e finalizada assim que forem reunidas as condições metodológicas e analíticas necessárias para esse fim. Ainda assim, parte-se da premissa de que se trata de um projeto com potencial para provocar deslocamentos interpretativos e contribuir para a transformação das visões da população guineense, ao convidá-la a refletir de forma crítica sobre mudanças sociais, culturais, políticas e ideológicas.

A Guiné-Bissau localiza-se na costa ocidental do continente africano, fazendo fronteira ao norte com a República do Senegal, a leste e ao sul com a República da Guiné-Conacri, e sendo banhada pelo Oceano Atlântico a oeste. O país possui uma extensão territorial aproximada de 36.125 km² e uma população estimada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes. Destaca-se, ainda, por sua ampla diversidade cultural, composta por distintos grupos étnicos cujas especificidades tradicionais coexistem, interagem e orientam as dinâmicas sociais.

As categorias de gênero e sexualidade podem ser compreendidas como um fenômeno e, simultaneamente, como um dilema de alcance global, manifestando-se de maneira particularmente complexa no contexto guineense. Nesse país, a construção ideológica dessas categorias encontra-se fortemente enraizada em perspectivas conservacionistas, nas quais se observam profundas assimetrias de status e de poder. Assim, ser mulher ou homem não se define apenas a partir de classificações sociais rígidas, mas constitui uma categoria em permanente disputa simbólica, que tensiona e busca desmistificar concepções preconceituosas acerca das necessidades humanas, das identidades e das formas legítimas de existência.

Referências

AMARAL, Alice Mayra Santiago et al. **Adolescência, gênero e sexualidade**: uma revisão integrativa. Revista Enfermagem Contemporânea, v. 6, n. 1, p. 62-67, 2017.

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO, 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Revista antropologia em primeira mão, 1998.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Editorial uoc, 2011.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Gênero e sexualidade**: fragmentos de identidade masculina nos tempos da Aids. Cadernos de Saúde Pública, v. 14, p. 145-155, 1998.

SANTOS, Magda Guadalupe. Simone de Beauvoir. “**Não se nasce mulher, torna-se mulher**”. Sapere Aude, v. 1, n. 2, p. 108-122, 2010.